



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O Pinheirinho E O VENTO

Por FELIZ VENTURA

Certo pinheiro, com fama
De ser maior que os demais,
Ganhou um tão grande orgulho
Que nem queria rivais.

Fazia pouco de todos,
Falando com ironia.
E até achava escarninho
O lugar onde vivia.

Ora uma tal atitude
Em breve foi criticada,
Havendo até uma ortiga
Que se riu à gargalhada.

Mas o pinheiro, vaidoso
Ao saber tal, disse assim:
Deixá-lo! o que vocês teem
E' muita inveja de mim.

Passaram depois uns meses
E veio o tempo chuvoso
E com êle muitos dias
De vento rijo, raivoso.

Ora, num dia em que o vento
Galopava enfurecido,
O pinheiro disse assim,
Mofador e envaidecido:

— «O' vento essa tua fúria
Quanto e quanto me faz rir!
Não tenho mêdo de ti;
Não me podes atingir!

Tenho mais fôrça que tu,
Ninguém me pode humilhar,
Este meu tronco é tão forte
Que nunca pode quebrar.

Mas ainda o pinheirinho
Não tinha tal terminado,
Já o vento o deita a terra
Pela raiz arrancado.

Palavras pouco sensatas
Não devemos empregar,
Pois que, às vezes, o destino
Pode-nos vir castigar.



CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS

O Júri, reunido no passado dia 24 do corrente, a-fim-de classificar as cadernetas apresentadas ao «Concurso dos Palácios e Monumentos» que em boa hora o nosso suplemento abriu e que tão grande sucesso obteve, deliberou conceder os prémios e menções honrosas, abaixo mencionados, aos seguintes concorrentes:

AS CADERNETAS MAIS ARTÍSTICAS

1.º PRÉMIO — Júlio Pedro de Vasconcelos e Silva, de *Coimbra*.

2.º PRÉMIO — Carlos Filipe Cotter Moreira, de *Cascais*.

3.º PRÉMIO — Carlos Filipe Jorge Romero, de *Lisboa*.

POR SORTEIO ENTRE OS QUE ACERTARAM

Um prémio de igual valor aos seguintes concorrentes:

Alexandre Loureiro, Sérgio Gomes da Costa e Ivone Cristina dos Santos Lopes.

MENÇÕES HONROSAS AS CADERNETAS MAIS ARTÍSTICAS

com direito à publicação do retrato do autor no Quadro de Honra

Maria Irene Dias Semedo Tomaz, Fernando de Jesus Oliveira, Armando Sérgio Gomes da Costa, Maria Júlia Rôla, Jorge Carreira Florindo, Francisco da C. Bernardino, Júlio Pomar, Maria Salomé Cristina Militão Martins, Maria Manuela Cidrais Dentes e António Celestino Cidrais Dentes, Manuel F. Cabral, Faustino Ventura, Angelo Neves Aguas, Julieta Gonçalves Santos, Armando Ribeiro Simões, Maria Helena da Cruz Sá Pereira, Mariette Gonçalves Neves, Augusto Jorge Gusmão Farrôbo, Odete Rodrigues Cabral, Fernando Guilherme Prior Ferraz, Ivone Cristina dos Santos Lopes, Natália Dias Tavares, Joaquim António R. Mocito.

N. B. — No próximo número publicaremos ainda os nomes dos concorrentes que merecem também uma referência especial, em virtude da artística apresentação das respectivas cadernetas.

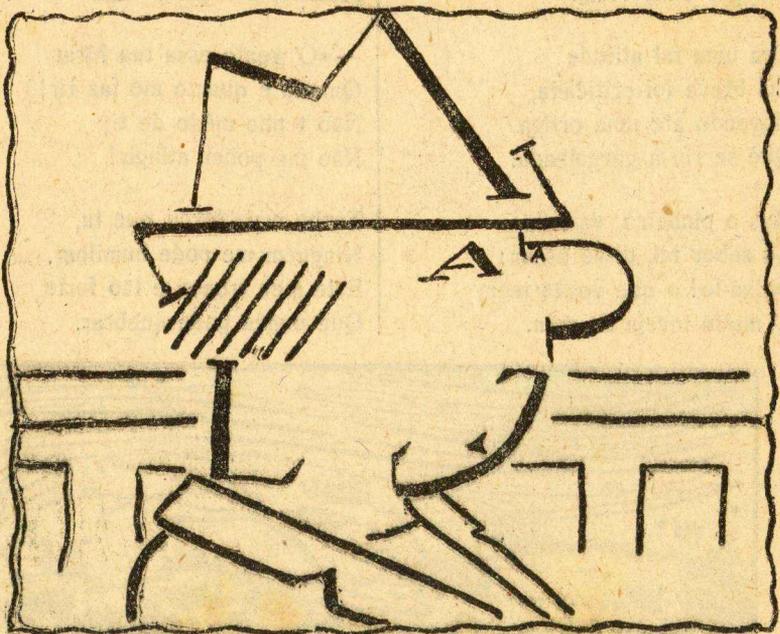
RELAÇÃO DOS CONCORRENTES QUE FORAM ADMITIDOS AO CONCURSO

Abel Carlos Vieira da Ponte, Sintra; Adelaide dos Santos, Mafra; Albertino Dias Calleres, Figueira da Foz; Alexandre António de Faria e Silva, Lisboa; Alexandre Loureiro de Sá, Covilhã; Alfredo Augusto Batista, Lisboa; Alvaro Gomes Tomé Figueira da Foz; Alvaro Palmela Ferreira da Cunha, Setúbal; Américo Joaquim Machita, Évora; Amílcar Ponte de Abreu, Arronches; Ana Rica de Matos, Grândola; Ana Rosa Santos, Angelo Neves Aguas, ambos de Lis-

boa; António Batista Correia Tuta, Monchique; António da Silva Correia, Lisboa; António de Almeida Abrantes, Rio Torto — Gouveia; António Fausto Fernandes Rocha, António Gonçalves Maio Diogo, ambos de Monchique; António Soares Fonseca, Pórtio; Armando Ribeiro Simões, Viseu; Armando Sérgio Gomes da Costa, Pórtio; Augusto Jorge Gusmão, Farrôbo — Faro; Belmiro Augusto Ferreira, Figueira da Foz; Carlos A. A. Braga, Lisboa; Carlos Filipe Cotter Moreira, Cascais; Carlos Filipe Jorge Romero, Lisboa; Carlos Fradique Sousa, Castelo Branco; Cesário Augusto Martinho, Lagos; Diogo Mourão Garcez Palha, Lisboa; Edmundo Fialho de Macedo, Anadia; Eduardo C. J. Mimoso Serra, Lisboa; Eduardo Luís Condado, Faro; Eduardo Soares Albergaria, Avó; Elza do Carmo Madeira, Oliveira do Hospital; Eusébio Duarte Gabráo, Cheleiros — Mafra; Fausta Cesar Pires, Lisboa; Faustino Fonseca Panaco, Barquinha; Faustino Ventura, Gavião; Fernanda de Pina Gonçalves, Peróviseu; Fernanda Manuela Patrocínio Gonçalves, Leiria; Fernando Augusto Guimarães, Fernando Costa, Fernando de Jesus Oliveira, Fernando Guilherme Prior Ferraz, todos de Lisboa; Fernando José Gil Santos, Fuzeta; Fernando Lopes de Melo, Penacova; Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, Lisboa; Francisco Alfredo Maia, Torres Novas; Francisco António V. Rodrigues, Lisboa; Francisco Augusto Nobre, Mafra; Francisco da C. Bernardino, Póvoa do Varzim; Francisco M. L. de Sousa, Avis; Francisco Quaresma de Almeida, Faro; Francisco Tomaz Borges, Beja; Gabriel Ferreira Freitas, Lisboa; Guilherme dos Santos Pinheiro, Cheleiros — Mafra; Helder Dias Cravo, Cantanhede; Heliodoro Rocha, Tomar; Idalina da Expectação Castelo Branco Tavares, Seia; Idalina S. Ferreira de Gusmão, Lisboa; Ivone Cristina dos Santos Lopes, Estarreja; J. C. Lopes Cardoso de Freitas Cruz, Lisboa; João Ribeiro Machado, Guimarães; João dos Santos, Coimbra; Joaquim Augusto M. da Silva Nunes, Penafiel; Joaquim Alberto Ocelho, Odemira; Joaquim António B. Mocito, Évora; Joaquim da Silva Prado, Santarém; Joaquim das Neves

Henriques, Marinha Grande; Joaquim Ribeiro da Silva, Joaquina Maria dos Prazeres, ambos de Lisboa; Jorge Carreira Florindo, Lisboa; Jorge Celestino da Costa, Croner, Lisboa; Jorge da Rocha Gonçalves Guerra, José Augusto Gomes Assis de Almeida, José Carlos da Silva, José Casimiro de Sousa Pedrosa, todos de Lisboa; José de Jesus Gonçalves, Ferreira do Alentejo; José dos Santos Marques, Lisboa; Josefa Sardinha Gomes, Santo Amaro — Fronteira; José Moraes Lopes, Faro; Julieta Gonçalves Santos, Lisboa; Júlio Pedro de Vasconcelos e Silva, Coimbra; Júlio Pomar, Lisboa; Leonor dos Anjos de Oliveira, Estarreja; Manuela Gomes Santos, Torres Vedras; Manuel F. Cabral, Leiria; Maria Augusta Carvalho Ramos, Sintra; Maria Barbara Harva Travelho, Estação de Santa Vitória; Maria de Jesus C Ventura, Gavião; Maria de Lourdes Vieira Caiola, Maria Elisa de Oliveira Frade, Maria Fernanda de Sousa Chaves, todas de Lisboa; Maria Fernanda Travassos Valdez, Sintra; Maria Gabriela B. Douro de Figueiredo, Vila Velha de Ródão; Maria Gabriela Bento Frazão, Coruche; Maria Helena da Cruz Sá Pereira, Braga; Maria Irene Dias Semedo Tomaz, Lisboa; Maria Isabel de Barcelos, Monte Estoril; Maria Isabel Vieira Pereira, Coruche; Maria João Ribeiro, Castelo Branco; Maria José Martins Capinha, Portimão; Maria Julia Roia, Carcavelos; Maria Leonor F. Oliveira, Figueira da Foz; Maria Manuela Cidrais Dentes e António Celestino Cidrais Dentes, Maria Manuela Marques Caetano, todos de Lisboa; Maria Rosalina Ramos de Jesus, Ferragudo; Maria Rosário Serrão Oliveira, Leiria; Maria Salomé Cristina Militão Martins, Mariette Gonçalves Neves, ambas de Faro; Natália Dias Tavares, Barreiro; Odete Rodrigues Cabral, Pedro Bernardes, ambos de Lisboa; Perpetua de Assunção Graça Ruas, Cuba; Sara de Sousa de Castro e Abreu, Campanário — Ilha da Madeira; Sérgio Rui Meireles Sousa, S. Manços; Estela Augusto Pacheco, Almeida; Vercingetorix Francisco Fernando Abelha, Coimbra; Vitorino Moreira Alcobia, Espinho; Zelinda Rosa Graça Ruas, Cuba.

A D I V I N H A



Vejam se descobrem como se chama este boneco.

O Pastorinho

Por CELITA

ERA noite, uma noite terrível. Lá fora sibilava o vento, trovejava, caía chuva e eu, queridos leitonzinhos, os cotovelos apoiados na minha mesa de trabalho, elevava o meu espírito a Deus.

Por fim, amanheceu. O dia estava belo, tão lindo, que confirmava, mais uma vez, o ditado: «Depois da tempestade, vem a bonança».

Subi a encosta, numa ânsia de ver mais e mais aquele amanhecer tão radioso. Nascia o sol; os campos, cheios de verdura, matisados, aqui e ali, de flores, tornavam todo o campo lindíssimo.

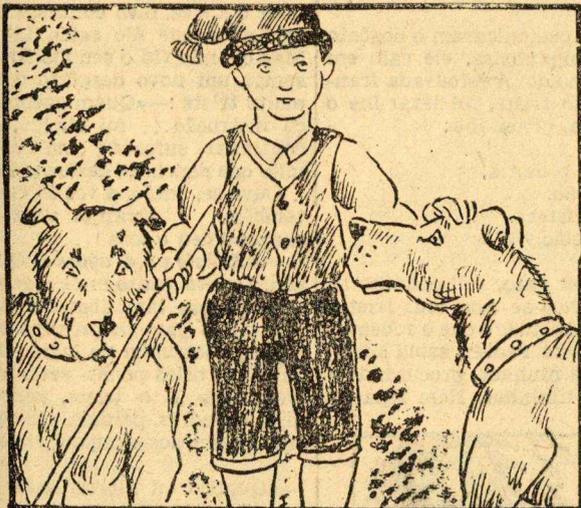
Cantavam os passarinhos; numa palavra: — a Natureza estava em todo o seu esplendor.

Na capela, onde costumava ouvir missa, fui cumprir o preceito religioso. Olhando, ao longe, vi um vulto, mas não pude distinguir o que fazia. Fiquei bastante intrigado porque o seu vestuário, bastante característico na minha terra, e a sua estatura não me eram desconhecidos.

Acabada a missa, resolvi ir ao seu encontro. Afinal era quem eu tinha imaginado: — Toninho, o humilde pastorinho que mora junto da minha casa. Fôra o seu característico barrete ou carapuça, que mo dera a conhecer de tão longe.

Antoninho tem 10 anos; é vivo, fez exame o verão passado e seus pais, sendo muito pobres, mandaram-no exercer aquele trabalho, que êle cumpria com muita alegria, a-fim-de poder-lhes ser prestável. Bastante alto, para a idade, sempre correcto, os seus olhos são dum azul tão claro e limpo que, quando em nós se fixam, parecem querer envolver-nos num fluido magnético.

Uma vez, quando era pequenina, eu disse-lhe: «sabes, Toninho que, se alguma vez mentires, os teus olhos far-

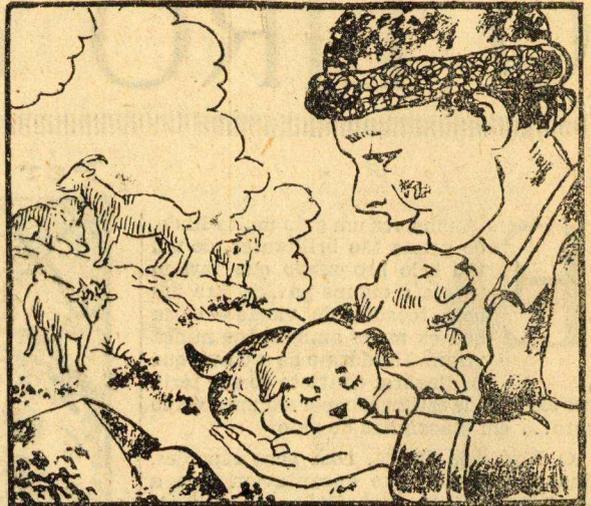


se-hão, por um momento, tão feios que todos perceberão que mentiste?».

Foi remédio santo: — nunca mais tornou a mentir!

Mas, como ia contando, aproximei-me dele. Ao ver-me, levantou-se e tirou, com uma das mãos, o barrete, enquanto, com a outra, afagava uns cachorrinhos: — «Salve-a Deus, menina!» — «Bons dias, Antoninho. Estranho ver-te afagando êsses cachorros, em vez dos teus cordeirinhos que eu vejo correr e saltar nesta erva tão tenra.»

— «Saiba, menina, que quando me aproximava dêste campo, pastoreando o meu gado, ouvi uns latidos tão dolorosos que o meu coração se confrangeu; procurei e não me foi difficil encontrar êstes dois caezinhos, tão lindos e aos



quais já tanto me afeiçoei. Vou dar-lhes um pouco de leite, duma das minhas cabrinhas; não lhe parece deshumano abandoná-los? Haverá alguém que tenha tão maus instintos, que seja capaz de praticar uma tão feia acção? Abandonar êstes pobres animais, numa noite de tão grande tempestade!... As vezes, — quem sabe! — podia ter sido a mãe cadela, que os tivesse vindo aqui colocar, para os proteger dos maus tratos do rapazio da rua.»

— «Sim, Toninho, podia ter-se dado essa hipótese mas não foi, talvez, assim. Tu és ainda muito pequeno e inocente, para poderes compreender a maldade de que é cotada a maior parte dos homens.»

— «Mas não havia possibilidade de se tornarem todos bons?» Preguntava êle com os olhos puros, muito abertos.

— «Sim, (respondi), isso seria o ideal, mas só se conseguiria se todos os homens acreditassem no bom Deus que nos rege.»

— «Que farás deles? Não vais matá-los, pois não, Toninho?» perguntei ansiosa.

— «Oh! Atreveu-se a fazer essa idea de mim; como me sinto triste!...»

Encantada com a simplicidade da sua resposta, acariciei aquela cabecinha louca de belos caracois negros, que ainda se conservava descoberta; olhei aqueles olhos azuis tão belos, tão cheios de lágrimas e tive pena de o ter magoado. — «Não estejas triste, Toninho; apenas te disse isto para te experimentar. Cobre a tua cabeça e dize-me o que tencionavas fazer deles.»

— «Se os meus pais me permitirem, e estou certo que sim, levá-los-hei para casa e amamentá-los-hei com o leite das minhas boas cabrinhas.»

Então, cheia de alegria, exclamei: — «Sabes que gosto imenso de ouvir-te essas palavras, que tão bem demonstram a candura da tua alminha?!... Sim, tens razão; cás-nos, com êsse teu exemplo, uma lição maravilhosa, ensinando-nos, mais uma vez, que não devemos ser ingratos para com os animais.»

Passados meses, vamos encontrar Toninho acompanhado daqueles cães que recolhera, quasi mortos de frio transformados nuns cães de grande corpulência e olhos doces, mansos, que a todo o momento saltavam em volta dele, e que lhe serviam de excelentes guardas ao seu rebanho.

O LIRO e a PEDRÊS

Por ISOLDINA

ERA uma vez um galo muito lindo, de penas tão brilhantes, de um tão belo bronzeado que fariam inveja a alguns pavões. Era um bom tocador de violão — coisa que os seus amiguinhos nunca viram. Herdara-o de seu avô, que lho legára, convicto de que teria por êle grande estimação, por ser um objecto raro... em mãozinhas de galo.

O Liró dele tirava, com seus esporões, lindas módinhas que encantavam toda a assistência. Vivia acasalado com a mais linda galinha do galinheiro, a esbelta e elegante Pedrês a quem queria como ás meninas dos seus olhos e com quem cantava ao desafio, nas noites de luar, quando todos os supunham recolhidos. E eram felizes.

Mas, um dia, veio uma nova companheira para o galinheiro; uma franganita toleirona, de pôpa, com ondulação permanente, que não fazia senão pavonear-se diante de todos os galináceos masculinos. E os franganotes, em breve, estavam-lhe todos prêsos pelo biquinho. Todos, isto é: menos o gracioso Garnizé, uma espécie de bôbo que a todos alegrava com as suas ironias sempre a propósito, e que falava a língua do Brasil que era, mesmo uma perfeição, pois se até já contagiara os companheiros com a voga das graciosas canções brasileiras. Diziam as más línguas que êle tivera um desgosto de amor e, por isso, não ligava importância ás frangas ou franganotas, suas conhecidas ou não. O Liró, assim se chamava o companheiro, até ali fiel, da linda Pedrês, também se deixara prender nas rédes — ou sejam os salamaleques — da ladina Pôpinha (assim lhe ficaram chamando) a pesar dos avisos constantes do Garnizé que lhe cantava: — «Côidado! Côidado! Com a piquena do cabelo ondulado!...»

A Pedrês quando reparou que o seu Liró já não era tão carinhoso para ela, ficou muito desgostosa. E, numa linda manhã de primavera quando, ao acordar, deu pela falta do seu Liró e da Pôpinha, pôs-se logo a chorar, porque era a primeira vez que êle a deixava só. Cacarejou, piou amargamente, até que o Garnizé, ouvindo-a, ex-



plicou: — Foram de madrugada ver a pas-sarada...»

Então, a pobre Pedrês muito triste, resolveu fugir para onde não visse o seu infiel Liró, na companhia do rival. E fez muito bem; porque o maroto do Liró vinha muito contente ao entrar com a sua nova conquista, cantando-lhe, baixinho, todo dengoso:

— «Com quem é que a Pôpinha vive? Cômigo?»

— «Onde é que a Pôpinha vive? Não digo...»

Mas quando lhe comunicaram o desgosto e fuga da sua companheira, êle cafu em si e ficou surpreso. A estouvada franganita, vendo-o tão triste, foi levar-lhe o violão e, arbitrada, gritou-lhe:

— «Canta e dança, meu toleirão, Deixa a tristeza. Toca o violão.»

Mas êle não fez caso, voltando-lhe as costas, e engalfinhou-se nos seus tristes pensamentos, alheio a tudo o que o rodeava. Nenhuma, como a sua Pedrês, sabia acarinhar e tratar a sua ninhada, procurando a papinha para os filhinhos. Nem reparou

que a estouvada Pôpa atirára com o violão para um canto onde estava uma pedra e o escangalhara. E o Garnizé, batendo as asas, cantava:

— «Có-có-có-có-có-rô, có-có-có-có-có-có-rô, o galo tem sôdade da galinha carijó.»

De facto, o Liró, reconhecido o seu erro, começou a definhar a olhos vistos. Tomado de grande paixão, deixou de comer e, em breve, estava na espinha. Um dia pediram-lhe os companheiros que, para se distraír e a êles, lhes contasse uma daquelas módinhas que êle sabia tão bem cantar. Mas quando viu o seu violão escangalhado, sentiu um novo desgosto e, então, cantou muito triste: — «Quem quebrou meu violão, de instrução... foi ela!...» e não pôde continuar, sufocado com um nó no gorgomilo que depois se desfez em choro.

Ouve-se, então, a voz do Garnizé: — «Eu também... arranji uma cachopa, e a cachopa deu o fora!...»

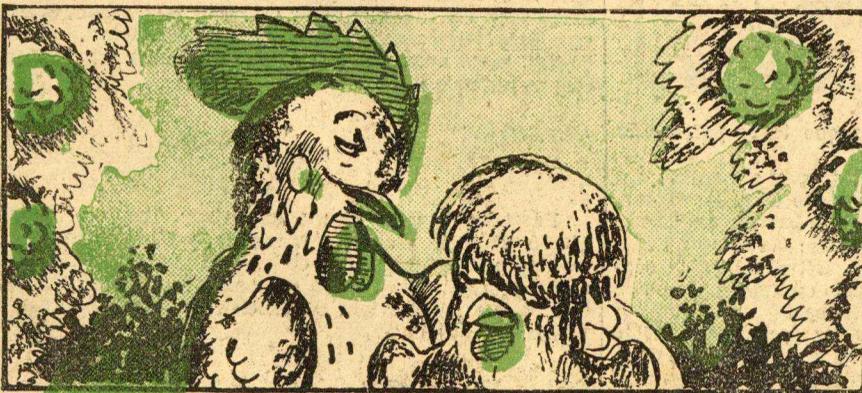
— «E ágôra? e ágôra? Quanto mais a gente canta, tanto mais a gente chora!...»

As forças iam abandonando o desgraçado... e parecia próximo o seu fim. Do garboso possuidor da mais soberba crista e das mais belas penas, restava somente um frangalho. E o triste, pensando na sua amada Pedrês, perdida por culpa sua, cantava assim aos companheiros:

— «Quando eu morrer, não quero choros nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela.»

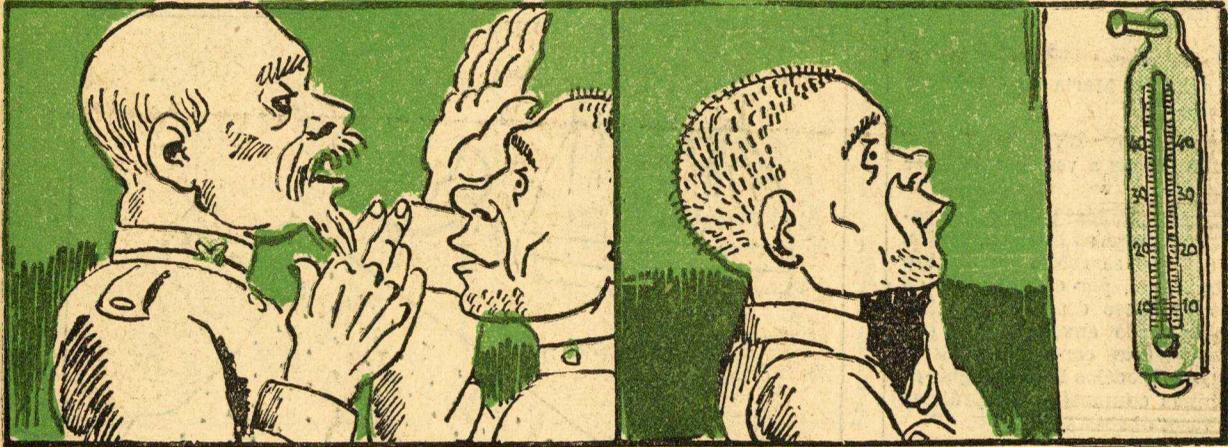
Um dia, já mal podendo falar, ouviram-no piar baixinho:

— «Por causa dela, só por causa dela, meu coração bateu tanto qui quebrou minha costela...» Chamou os companheiros e pediu-lhes que, se algum dia encontrassem a sua Pedrês, lhe transmitissem as suas últimas palavras; que implorava o seu perdão e que nunca a esquecera. Em seguida, abriu o bico, deitou uma lágrima e tombou



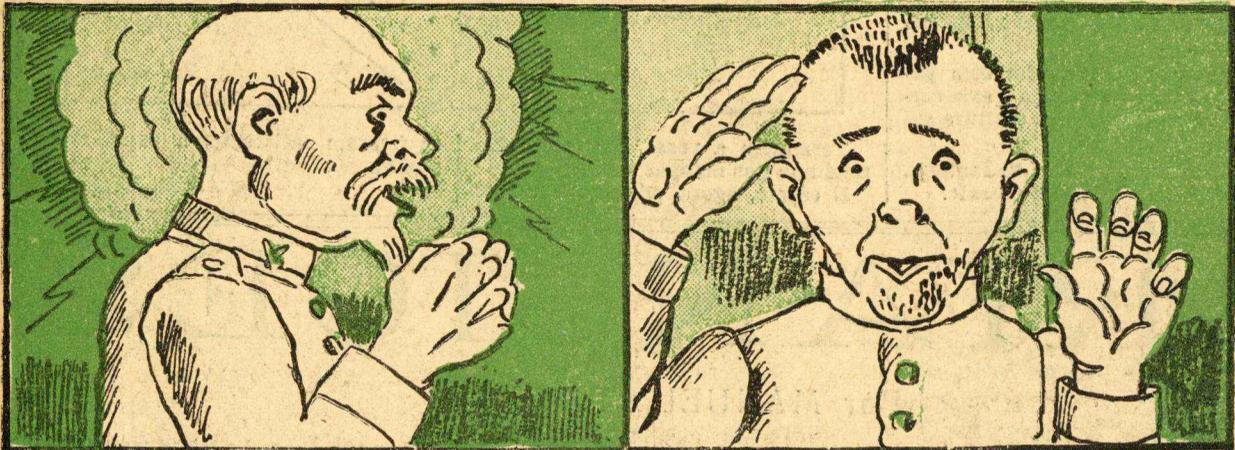
A Resposta do Soldado

Por FELIZ VENTURA



O comandante Matias,
Que era um pouco autoritário,
Manda chamar, sem demora,
O seu imedido Hilário.

E quando, daí a pouco,
perfilado à frente o viu,
Disse-lhe: — Vai-me já ver
Se o termómetro subiu.»



Passaram-se alguns momentos
Sem do rapaz novas ter
E o comandante, já fulo,
Fica sem compreender.

Em'im, ei-lo que aparece
E diz muito atrapalhado:
O termómetro não sobe,
No pégo está pendurado.



para sempre. Então, ouviu-se a voz do Garnizé—desta vez sem ironia: «Passava a vida cantando... Por causa duma colombina, acabou *chôrando*, acabou *chôrando*...»

A morte! A morte! Grita a turba dos galináceos, procurando a franganota, causadora daquela desgraça que, indiferente à dôr alheia, tôda se saracoteava ao som dum escandaloso *fox-trote* que se ouvia na rádio da vizinha mais próxima.

E com tantas bicadas, tantas unhadadas, assim acabou, esfrangalhada, a franganota que tão feliz casal tornara infeliz

No dia seguinte, a dona do galinheiro viu apenas dois cadáveres que teve de enterrar no quintal, mal sonhando que tão grande drama acabava de passar-se em sua propriedade,

BREVEMENTE:

EXPOSIÇÃO

DAS CADERNETAS ARTÍSTICAS

Do CONCURSO dos PALACIOS

E MONUMENTOS

na Sucursal de «O SECULO»

no ROSSIO

O CESTINHO da COSTURA

SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Maria do Rosário e Soledáde

Só agora chegou a vez de satisfazer o vosso pedido.

Começarei a publicar pequeninas peças de roupa para as bonecas, porém, quanto aos que se refere ao número 551, é impossível, por enquanto, ir ao encontro do vosso desejo mas, publicando o desejado enxoval, creio que irão ficar muito contentes, pois a a êste, outros modelos hão-de seguir-se de roupinhas confortáveis e práticas para os vossos bebés.

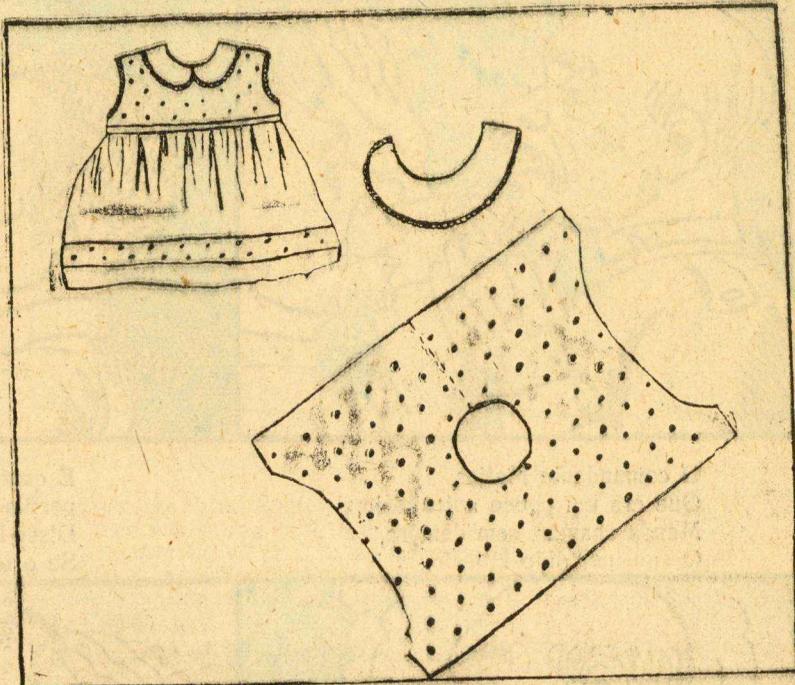
E, para começar, digam-nos qual será a boneca, mesmo modesta, que não redobrará de realce com êste lindo fatinho?

E qual será de vocês a que não seja capaz de fazê-lo?

Compõe-se de três peças: Espelho, gola e saia.

Das duas primeiras, têm bem patentes os moldes e quanto à saia cortam uma tira direita com a altura suficiente.

Escolhem uma fazenda de fantasia para o espelho e barrinha da saia.



Terminam a vossa obra com uma rendinha nas mangas e gola. E espero, agora, que mandem dizer

se ficaram satisfeitas à vossa amiguinha

Abelha Mestra.

CRIANCICES

Por MANUEL FERREIRA

QUANDO vou passar o verão a Bucelas, muito me rio à custa do Vicente, um rapazinho saloio que tem sete primaveras e mora num casal próximo.

Uma tarde, durante um arraial, Gertrudes, a mãe de Vicente, disse ao pequeno:

— «Se te portares mal, dou-te um bólo. Mas, se fôres bom menino, dou-te dois bólos.»

— «Então, mãzinha, primeiro porto-me mal e, depois, porto-me bem, para, assim, apanhar três bólos.»

O *ti* Alfredo, pai do Vicente, dias depois, abriu covas no chão onde deitava sementes.

O pequeno perguntou:

— «Que está o pai a fazer?»

— «Estou a semear couves...»

Daí a pouco tempo, morreu o gato da casa. Então, o pai abriu uma cova no quintal e enterrou-o.

O Necas, irmão do nosso herói, perguntou o que estava o pai a fazer.

Vicente respondeu-lhe:

— «Está a semear o gato.»

Vicente entra numa relojoaria e diz ao dono do estabelecimento:

— «Trago-lhe aqui esta pêndula para consertar.»

— «É preciso que traga também o relógio para ver o que êle tem.»

O pequeno coça a cabeça e diz:

— «O meu pai manda dizer que o relógio não tem nada. A pêndula é que está sempre a parar.»

Uma vez, chamei o Vicente e dei-lhe um pacote de caramelos. Recomendê-lhe:

— «É para repartires com o Necas.»

No dia seguinte, perguntei-lhe:

— «Então, fizeste o que eu te disse?»

— «Sim, senhor. Comi os caramelos e dei ao meu irmão os versos que vinham lá dentro. Como êle já sabe ler...»

Vicente foi para a escola primária. O professor perguntou-lhe:

— «Há oito maçãs para dividir entre ti e teu irmão. Quantas cabem a cada um?»

O pequeno interrompeu, prontamente:

— «Quem é que as vai repartir, meu irmão ou eu?»

O Alfredo, pai do Vicente, viuvo e com dois filhos, o Necas e o nosso he-

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



25

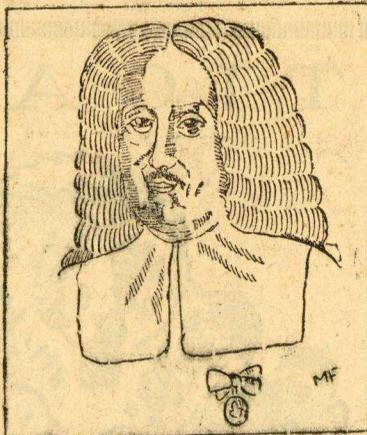
Rei sonhador e bondoso
E muito ardente cristão,
Teve o fim mais desgraçado
Por uma torpe traição.

Quando, nos plainos de Alcácer,
Se via os mouros recuar,
Só um traidor poderia
Gritar às hostes: «Parar!»

E ele, ao ver tudo perdido,
Tudo a fugir sem um norte,
Foi empregar sua lança
Onde a luta era mais forte.

«Morremos!» — alguém lhe disse.
E ele, com pranto no olhar,
Murmurou: «Sim, só morrer!...
Mas há-de ser devagar!»

E atirou-se para a luta,
Mais terrível que um tufão.
Mas nunca mais ninguém viu
O rei



26

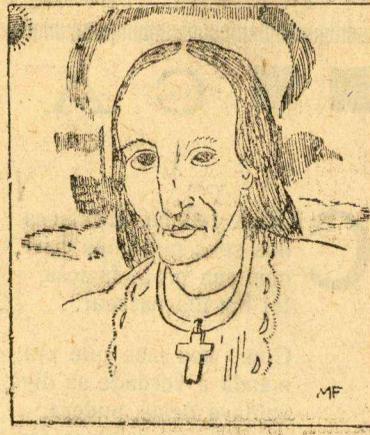
Não só em grandes batalhas
Se consegue engrandecer.
Há na vida muitas coisas
Que a Glória pode trazer.

Dante não foi a batalhas,
Nem o doce João de Deus,
Nem Velasquez, nem Rembrant...
E que nomes são os seus!

Este também não lutou,
Mas soube a glória encontrar.
Foi um homem mais que ilustre
Na arte de governar.

Era rei Afonso VI,
Mas ele em tudo mandava
E de maneira tão sábia
Que toda a gente o admirava.

Não pôde realizar
Seu sonho todo esplendor,
Mas foi sempre grande o ilustre



27

Vendo, pelo espaço, as aves
Muito serenas voar,
Dizia o homem com pena;
— «Não poder contigo andar!»

Já ia a tudo na terra,
Já ia a tudo no mar,
Só o vasto azul do céu
Não podia atravessar!

Mas um homem, desta terra,
No ar viajou certa vez.
Um lusíada, portanto
Tinha que ser português!

E lá andou, pelo espaço,
Como as pombas e os condores,
Tendo por cima as estrélas
E por baixo as lindas flores,

Num aparelho famoso
Que era da sua invenção.
O aeronauta chamou-se

rói, casou, depois, com a Ana Moleira,
também viuva e mãe dum casalinho.

Passado tempo, apareceram mais
dois rapazinhos, por sinal, gémeos.

Um dia, quando os pais voltavam da
fazenda, ao entrarem em casa, ouviram
uma gritaria infernal.

Alfredo corre a pôr os garotos na
ordem e quando volta, a Ana Moleira
pergunta-lhe:

— «O que era aquela gritaria?»

— «Não era nada. O costume!...

Eram os teus filhos e os meus filhos
à bulha com os nossos filhos.»

— «O menino Vicente vai-me dizer o
que vem a ser a memória.»

— «Não tem nada que saber, senhor
professor. A memória é... a memória
é... aquilo com que a gente se esquece.»

Um saloio perguntou ao Vicente:

— «Onde moras?»

— «Moro com meu irmão.»

— «Muito bem! Mas onde mora o
teu irmão?»

— «Mora comigo.»

— «Sim. Mas onde moram vocês?»

— «Moramos juntos.»

Vicente, uma tarde, apareceu em
casa arranhado e com os calções róticos.
Gertrudes repreendeu-o:

— «Andaste outra vez à pancada
com o José do Lagar? Bonito serviço.
Tenho que ir comprar outros calções...»

O pequeno, contudo, respondeu,
triunfante:

— «Pois sim! Mas, naturalmente, a
mãe do José tem de comprar outro
filho.»

F

●

I

●

M

CONSELHOS DA TIA ALÔ A DESOBEDIÊNCIA

CASTIGADA

CERTA galinha, orgulhosa dos seus pintinhos criar, com sua prole famosa, foi um dia passear.

Como boa mãe que era, manda a verdade se diga, cuidava deles, pudera, sem nunca mostrar fadiga.

Suavemente e com jeito, lá lhes ia ela ensinando a arte de bem saber da vida tirar proveito.

Pica aqui, debica além, em constante brincadeira, andam todos num vai-vem com aparente cansaça.

Esta alegria dos pintos é da galinha o regalo; mal lhes presente o perigo corre, lépida, a evitá-lo.

Mas, nesse dia, à tardinha, eis que um açôr aparece Ante os olhos da galinha; até o céu escurece.

II

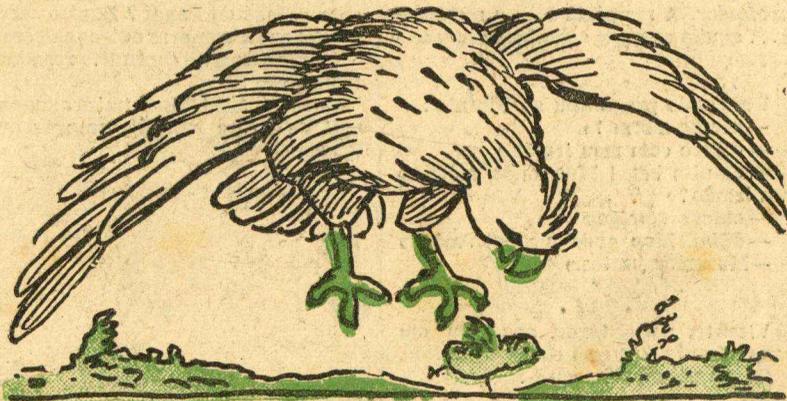
Esta ave traiçoeira, gosta de banquete lauto. Ai pobre da capoeira e do frangaíno incauto.



Basta, apenas, um descuido para os filhinhos perder



mas como já sabe bem o risco que pode haver,



chama muito, com anseio, a sua linda ninhada, porque debaixo das asas a sente mais bem guardada.

Um, porém, o mais rabino sem fazer caso, contesta: viver aqui é mais lindo, nas tuas asas, não presta!...

Inda mal tinha acabado de tal resposta lhe dar, já se sentia agarrado e elevado pelo ar.

III

E o açôr, com sua prêsa, lá se foi em retirada, enquanto que a pobre mãe chora o filho, contristada.

Diz a galinha à ninhada. Entre soluços e ais: — nunca deveis desprezar conselhos dos vossos pais,

Por isso, pois, fixai bem: Nunca mais este momento (quem vos pede é vossa mãe) Vos saía do pensamento.

*Algum mal sempre acontece
A quem é mal educado.
Além de feio, aborrece
Um menino malcriado.*

TIA ALÔ